

Plantas Medicinais Utilizadas por Moradores de Porto Velho, Rondônia, Brasil

MEDICINAL PLANTS USED BY RESIDENTS OF PORTO VELHO, RONDÔNIA, BRAZIL

Catiane Alves Lima¹, Thiago Silva de Campos¹, Barbara dos Santos Esteves²

¹Discente do Curso de Agronomia – Faculdades Integradas Aparício Carvalho (FIMCA), ²Professora, Doutora – Faculdades Integradas Aparício Carvalho (FIMCA)

RESUMO

Introdução: Plantas medicinais são comumente utilizadas pelas populações desde a antiguidade. O uso dessas plantas pelos seres humanos tem sido objeto de estudo de vários levantamentos etnobotânicos. **Objetivos:** O objetivo do presente estudo foi analisar o conhecimento tradicional da população da Vila DNIT (Porto Velho, Rondônia), relacionado ao uso de plantas medicinais. **Materiais e Métodos:** Este trabalho foi conduzido em agosto de 2017, constando de entrevistas semi-estruturadas. Foram aplicados questionários em 26 residências da localidade Vila DNIT. **Resultados:** Foram listadas 17 espécies, classificadas em 14 famílias botânicas. As famílias botânicas mais citadas pelos moradores foram Lamiaceae, Chenopodiaceae e Poaceae. Os males citados tratados com o uso de plantas medicinais foram os dos sistemas respiratório e digestório, dores no corpo e inflamações. A folha foi a parte mais utilizada das plantas pelos moradores, sendo o fervimento e a infusão os principais modos de preparo. **Conclusão:** As pessoas da comunidade analisada fazem uso das plantas medicinais de modo a complementar seus cuidados com a saúde, sendo seus conhecimentos obtidos de geração para geração. O boldo (*Plectranthus barbatus*) foi a principal planta medicinal mencionada pelos moradores.

Palavras-chave: *Aloe vera*. Conhecimentos tradicionais. *Plectranthus barbatus*.

ABSTRACT

Introduction: Medicinal plants are commonly used by populations since antiquity. The use of these plants by humans has been the object of study of several ethnobotanical surveys. **Objectives:** The objective of this study was to analyze the traditional knowledge of the population of Vila DNIT (Porto Velho, Rondônia), related to the use of medicinal plants. **Materials and Methods:** This work was conducted in August 2017, consisting of semi-structured interviews. Questionnaires were applied to 26 residences in Vila DNIT. **Results:** 17 species were identified, classified into 14 botanical families. The botanical families most cited by the residents were Lamiaceae, Chenopodiaceae, and Poaceae. The mentioned evils treated with the use of medicinal plants were those of the respiratory and digestive systems, pains in the body and inflammations. The leaf was the most used part of the plants by the inhabitants, and the boiling and the infusion the main modes of preparation. **Conclusion:** People in the analyzed community use the medicinal plants to complement their healthcare, and their knowledge is obtained from generation to generation. The Boldo (*Plectranthus barbatus*) was the main medicinal plant mentioned by the residents.

Keywords: *Aloe vera*. Neoplasia. Traditional knowledge. *Plectranthus barbatus*.

INTRODUÇÃO

As plantas medicinais são definidas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como sendo todas as plantas que possuem em seus órgãos e tecidos, substâncias que podem ser utilizadas com fins terapêuticos (VEIGA JUNIOR et al., 2005).

A utilização de plantas medicinais é feita por muitas pessoas ao redor do Brasil e do mundo, para a cura de seus males e melhoria da sua saúde. Tais conhecimentos têm suas origens nas primeiras comunidades

humanas e atualmente podem ser utilizados para a descoberta e produção de novos medicamentos e produtos cosméticos.

Grupos como os índios, caboclos, ribeirinhos, seringueiros, quilombolas, pescadores, pequenos produtores rurais e extrativistas são detentores de um vasto conhecimento sobre as plantas e seu ambiente (VAZQUEZ et al., 2014). Assim, regiões que são caracterizadas pela existência de comunidades tradicionais

podem ser fontes de informações botânicas importantes.

Para o estudo das relações humanas e o uso de plantas medicinais, se utiliza a etnobotânica. Além das informações referentes ao uso de plantas medicinais, estudos etnobotânicos podem indicar possibilidades de conhecimentos que poderão ser utilizados por outros setores da sociedade. A etnobotânica faz a relação entre as variáveis culturais, analisando o modo de vida das comunidades e a sua relação com a natureza (ALBUQUERQUE, 1999). O estudo da etnobotânica busca não só o registro do uso dos recursos vegetais presentes em determinada área, mas as formas de manejo como são empregadas por comunidades tradicionais (SILVA et al., 2015). Além disso, o conhecimento repassado de geração a geração nas comunidades tradicionais, sobre os recursos terapêuticos das plantas encontradas em seu ambiente natural pode ser um instrumento importante para o desenvolvimento de novos recursos terapêuticos (SILVA et al., 2015).

Estudos relacionados com a medicina popular têm merecido cada vez maior atenção devido à gama de informações e esclarecimentos que fornecem à ciência contemporânea (PARENTE; ROSA, 2001). Os mesmos autores destacam que é notável o crescente número de pessoas interessadas no conhecimento de plantas medicinais, inclusive pela consciência dos males causados pelo excesso de quimioterápicos.

Tomazzoni et al. (2006) afirmam que os governos devem adotar aspectos na medicina tradicional que sejam úteis e de acordo com as crenças populares, respeitando os saberes da população. Assim, na Vila DNIT, em Porto Velho, Rondônia, localizada à margem direita do Rio Madeira, tem sua origem no antigo bairro ribeirinho Balsa, que guarda conhecimentos sobre o rio e as plantas utilizadas pelos moradores e pessoas que transitam na região. Dessa forma, o presente trabalho foi realizado com o objetivo de analisar o conhecimento da

comunidade da Vila DNIT, relacionado ao uso tradicional de plantas medicinais, buscando conhecer quais as suas principais fontes de transmissão de conhecimentos sobre o tema, as principais espécies utilizadas, seus modos de uso e preparo e males tratados.

MATERIAIS E MÉTODOS

O município de Porto Velho (Figura 1), capital do estado de Rondônia, está situado na Amazônia Meridional entre as coordenadas geográficas 07°58' e 13°43' de Latitude Sul e 59°50' e 66°48' de Longitude, a Oeste de Greenwich com uma área urbana de 116,90 km² (PORTO VELHO, 2008). Atualmente o município de Porto Velho conta com uma população de 511.219 habitantes (IBGE, 2016).

O município de Porto Velho possui o clima, conforme a classificação de Köppen, inserido no grupo tropical chuvoso do tipo *Am* (clima tropical de monção), com características de elevados índices pluviométricos e um breve período de estiagem (três meses secos) (TEJAS et al., 2012).

A Vila DNIT está localizada às margens da BR-319, em Porto Velho, após a ponte do Rio Madeira, sentido o município de Humaitá, Amazonas.



Figura 1: Localização geográfica do município de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia. (Fonte: Gonçalves et al. (2014), através de dados do IBGE).

A localidade conta com 168 residências, onde moram famílias oriundas do Bairro Balsa, na margem direita do Madeira. Estas famílias foram realocadas após a cheia do Rio Madeira de 2014.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) ligado ao Conselho Nacional de Saúde (CNS) – Plataforma Brasil, segundo as normas vigentes para este tipo de estudo.

Para o levantamento etnobotânico foram realizadas entrevistas semi-estruturadas. Os questionários das entrevistas foram aplicados à comunidade da Vila DNIT em agosto de 2017. Junto ao questionário, as pessoas também assinaram o termo de consentimento e livre esclarecido. Foram entrevistadas 26 pessoas, representantes de suas respectivas moradias. O grau de escolaridade da maioria dos entrevistados foi ensino médio completo. A renda declarada da maioria dos entrevistados foi de 0 a 3 salários mínimos.

As entrevistas duravam em média de 20 minutos. A partir das entrevistas foram obtidas informações sobre as plantas medicinais, como: principais espécies utilizadas, nomes populares, principais partes utilizadas, modo de preparo, indicações e forma de aquisição de conhecimentos. Os informantes também foram questionados sobre o uso da saúde pública do município. Os dados obtidos foram compilados e analisados com base em um enfoque quanti e qualitativo, desenvolvido no programa Microsoft Excel. As informações obtidas sobre as plantas foram tabuladas e confeccionada uma tabela contendo todas as plantas citadas pelos moradores com seus nomes populares, científicos e as suas famílias botânicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 26 entrevistados na Comunidade da Vila DNIT, 19 pessoas foram do sexo feminino (74%) e sete do sexo masculino (26%). Rodrigues e Casali (2002) afirmam que as mulheres são grandes detentoras do conhecimento sobre as plantas medicinais e

têm importante função no processo de transmissão. Em estudos etnobotânicos de diversas regiões a maioria dos informantes são mulheres, provavelmente por estarem mais vinculadas aos cuidados com o núcleo familiar. Os dados de Silva et al. (2012) corroboram com os resultados da presente pesquisa, pois na comunidade quilombola da Barra II-BA, as mulheres também representaram a maioria dos informantes (75%).

Todos informantes da presente pesquisa declararam ter acesso ao saneamento básico e fazer uso da saúde pública, utilizando as plantas medicinais como complementação, por ser um método menos oneroso e de fácil acesso. Observa-se que o uso de plantas medicinais como complementação da saúde pública é regulado pela Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, aprovada por meio do Decreto Nº 5.813, de 22 de junho de 2006 (FIGUEIREDO et al., 2014). Nesta política são estabelecidas diretrizes e linhas prioritárias para o desenvolvimento de ações pelos diversos parceiros em torno de objetivos comuns voltados à garantia do acesso seguro e uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil, fazendo parte, essa complementação de políticas governamentais envolvendo agentes de saúde (BRASIL, 2006).

A maioria das pessoas entrevistadas estava no intervalo de faixa etária de 32 a 60 anos (Figura 2), sendo que o informante mais velho tinha 21 anos e o mais velho, 63. De acordo com o estudo realizado por Leite e Marinho (2014) as pessoas mais jovens se interessam muito pouco pelo tratamento com as plantas medicinais, e, por isso, as desconhecem.

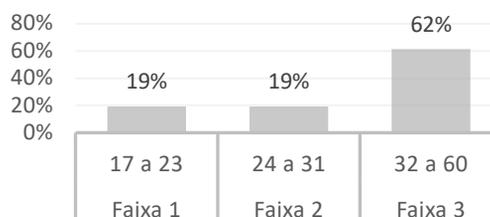


Figura 2: Faixa etária dos entrevistados na comunidade Vila DNIT em Porto Velho, Rondônia, em agosto de 2017.

De acordo com os entrevistados, a maioria adquiriu conhecimentos sobre plantas medicinais de geração para geração (Figura 3). Esta afirmação está de acordo com Correa Junior et al. (1991), que mencionam que o uso de plantas com propriedades terapêuticas é uma atividade que vem de geração para geração, sendo preservados estes conhecimentos com o intuito de manter a tradição de uso de plantas medicinais. Para Moreira et al. (2002), o que faz o homem utilizar as plantas como alternativa terapêutica é a perpetuação de informações valiosas, próprias de sua cultura.

Em relação às plantas medicinais mencionadas, foram listadas 17 espécies, classificadas em 14 famílias botânicas (Tabela 1). Para Lima et al. (2011) a importância da identificação botânica, como primeiro passo em trabalhos com este enfoque é bem evidente, pois espécies diferentes com características morfológicas similares podem ser conhecidas pelo mesmo nome popular e uma mesma espécie recebe mais de uma denominação. Tal situação pode gerar riscos aos usuários, uma vez que ao confundir as espécies, poderá fazer uso de plantas danosas à saúde humana.

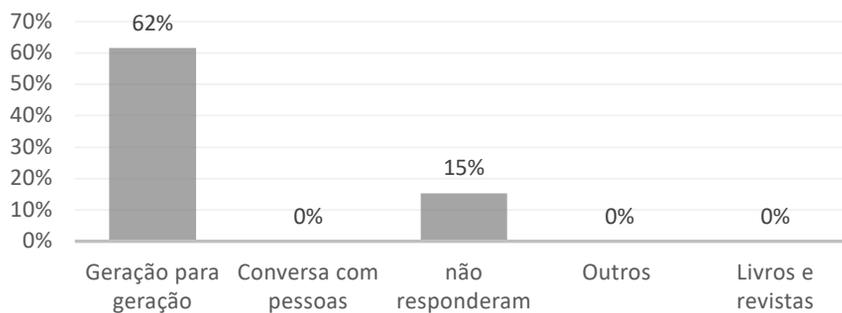


Figura 3: Informação do uso de plantas dos entrevistados na comunidade da Vila DNIT em Porto Velho, Rondônia, em agosto de 2017.

Tabela 1: Lista de espécies mencionadas pelos entrevistados na comunidade Vila DNIT em Porto Velho, Rondônia.

Família	Nome Popular	Nome Científico
<u>Asteraceae</u>	Picão-preto	<i>Bidens pilosa</i>
	Camomila	<i>Matricaria chamomilla</i>
<u>Brassicaceae</u>	Agrião	<i>Nasturtium officinale</i>
<u>Celastraceae</u>	Espinheira santa	<i>Maytenus ilicifolia</i>
<u>Costaceae</u>	Cana do brejo	<i>Costus spicatus</i>
<u>Chenopodiaceae</u>	Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides L.</i>
	Carqueja	<i>Baccharis trimera</i>
<u>Crassulaceae</u>	Corama	<i>Bryophyllum pinnata</i>
<u>Fabaceae</u>	Pata de vaca	<i>Bauhinia variegata</i>
<u>Lamiaceae</u>	Boldo	<i>Plectranthus barbatus Andrews</i>
	Hortelã	<i>Mentha</i>
<u>Liliaceae</u>	Babosa	<i>Aloe vera (L.)</i>
<u>Malvaceae</u>	Algodão roxo	<i>Gossypium Herbaceum L.</i>
<u>Meliaceae</u>	Andiroba	<i>Carapa guianensis Aubl</i>
<u>Palmae</u>	Açaí	<i>Euterpe oleracea Mart</i>
<u>Poaceae</u>	Capim santo	<i>Cymbopogon citratus</i>
<u>Zingiberaceae</u>	Gengibre	<i>Zingiber officinale</i>

As famílias botânicas mais citadas foram Lamiaceae, com seis citações, Chenopodiaceae, com quatro citações e Poaceae, com três citações, sendo que as três representaram 91% das espécies mencionadas (Tabela 1). No estudo de levantamento de plantas medicinais comercializadas em Barra do Piraí, Rio de Janeiro, Parente e Rosa (2001) identificaram as mesmas famílias de plantas medicinais no presente estudo, revelando que comunidades de diferentes regiões podem fazer uso das mesmas espécies de plantas medicinais.

Das 17 espécies identificadas no presente estudo, o boldo (*Plectranthus barbatus*; Lamiaceae) foi a mais citada, seguida do mastruz (*Chenopodium brosioides* L.; família Chenopodiaceae), capim santo (*Cymbopogon citratus*; família Poaceae) e a hortelã (*Mentha sp.*; família Lamiaceae). Freitas et al. (2012) realizaram estudos em São Miguel, Rio Grande do Norte, observando que as espécies mais frequentemente mencionadas foram das famílias Lamiaceae, Anacardiaceae e Rutaceae.

As principais formas de preparo das plantas citadas pelos entrevistados na Vila DNIT foram o fervimento e a infusão, com 82% das menções. A maceração foi mencionada por 1% dos entrevistados e o consumo in natura por 5%. Resultados semelhantes foram encontrados por Rocha e Marisco (2016), sendo o chá e a infusão as principais formas de uso de plantas para fins medicinais por indígenas.

Em relação às principais partes das plantas utilizadas, a folha destacou-se com 10 citações de uso; em sequência, o caule, com cinco citações; e a raiz, com duas citações. O grande uso das folhas para o preparado de remédios caseiros está frequentemente citado em trabalhos etnobotânicos (ROCHA; MARISCO, 2016). Lima et al. (2011), realizando um estudo etnobotânico, no município de Vilhena, Rondônia, também encontraram em seus resultados que a parte mais utilizada foi a folha. Estes resultados

concordam ainda com Leite e Marinho (2014), que encontraram para Baía de Tradição, Paraíba, que as partes das plantas mais utilizadas são as folhas (48%), obtidas por meio do cultivo próprio. Tais resultados podem ser devido à maior facilidade de obtenção das folhas e também, na sua forma mais fácil de preparo. A maior renovação deste órgão na planta também pode ser causa de seu maior uso, já que quase 100% dos entrevistados afirmaram obter as plantas de seus quintais ou quintais de amigos e vizinhos.

Quanto ao tratamento de doenças, foram mencionados na comunidade problemas relacionados com o sistema respiratório (gripe, tosse, resfriados, renite, pneumonia), sistema digestório (diarreia, azia, enjoos com vômito,) e também dores no corpo (cabeça, abdome, estomago, fígado). As inflamações e infecções também foram mencionadas, porém sem detalhes. Em Rondônia, Gusmão de Jesus et al. (2012), realizaram estudos etnobotânicos em Rolim de Moura e Santa Luzia D'Oeste; estes autores encontraram diversas doenças sendo tratadas com o uso de plantas medicinais, incluindo doenças de transtornos do sistema digestório, neoplasias, transtornos do sistema respiratório, transtornos do sistema nervoso e transtornos do sistema circulatório.

CONCLUSÃO

Os estudos etnobotânicos são heranças trazidas por comunidades e pessoas que detém conhecimento de plantas medicinais, sendo na maioria das vezes as informações passadas de geração para geração, com o intuito de tratar doenças. Na comunidade da Villa DNIT, o boldo é a principal planta medicinal mencionada, sendo a folha a parte mais utilizada. Os principais modos de preparo são o fervimento e a infusão.

AGRADECIMENTOS

Às Faculdades Integradas Aparício Carvalho pela estrutura para compilação, análise e redação dos dados e treinamento dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U.P. Referências para o estudo da etnobotânica dos descendentes culturais do africano no Brasil. **Acta Farmacéutica Bonaerense**, Buenos Aires, v. 18, n. 4, p. 299–306, 1999.
- CORRÊA JUNIOR, C.; LIN, C.M.; SCHEFFER, M.C. SOB. Informa, p. 9, 23, 1991.
- FIGUEIREDO, C.A.; GURGEL, I.G.D.; GURGEL JUNIOR, G.D. A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos: construção, perspectivas e desafios. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.24, n.2, p.381-400, 2014.
- FREITAS, A.V.L.; MAIA, S.S.S.; de Azevedo, R.A.B. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 48 – 59, 2012.
- GONÇALVES, K.S.; SIQUEIRA, A.S.P.; CASTRO, H.A.; HACON, S.S. Indicador de vulnerabilidade socioambiental na Amazônia Ocidental. O caso do município de Porto Velho, Rondônia, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 9, p. 3809-3817, 2014.
- GUSMÃO DE JESUS, A.; POSSIMOSER, D.; CAVALHEIRO, W.C.S.; ALVES, W.C.; RIBEIRO, S.B. Levantamento etnobotânico de espécies nativas utilizadas como medicinais na linha 188, Rolim de Moura, Rondônia. **Revista Brasileira de Ciências da Amazônia**, v.2, n.1, 2012.
- LEITE, I.A.; MARINHO, M.G.V. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em comunidade indígena no município de Baía Traição-PB. **Biodiversidade**. v.13, n.1, p.82-105, 2014.
- LIMA, R.A.; MAGALHÃES, S.A.; SANTOS, M.R.A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas na cidade de Vilhena, Rondônia. **Revista Pesquisa & Criação**. v.10, n.2, p.165-179, 2011.
- MOREIRA, R.C.T.; COSTA, L.C.B.; COSTA, R.C.S.; ROCHA, E.A. Abordagem Etnobotânica acerca do Uso de Plantas Medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta Farmacéutica Bonaerense**, Bahia, v.21, n.3, 2002.
- PARENTE, C. E. T.; ROSA, M. M. T. Plantas comercializadas como medicinais no Município de Barra do Piraí, RJ. **Rodriguésia**. Rio de Janeiro, v.52, n. 80, p. 47-59, 2001.
- PORTO VELHO, LEI complementar nº311, de 30 de Junho de 2008, dispõe sobre o Plano Diretor do Município de Porto Velho. **Diário Oficial [do município de Porto Velho]**, Porto Velho, 2008. Disponível em Acesso em MAI de 2017.
- RODRIGUES A.G.; CASALI, V.W.D. Plantas medicinais, conhecimento popular e etnociência. In: Rodrigues, A.G.; Andrade, F.M.C.; Coelho, F.M.G. et al. Plantas Medicinais e Aromáticas: etnoecologia e etnofarmacologia. **Viçosa: UFV**, p. 25-76, 2002.
- ROCHA, R.; MARISCO, G. Estudos etnobotânicos em comunidades indígenas no Brasil. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v.10, n. 2, p. 95-219, 2016.
- SILVA, C.G.; MARINHO, M.G.V.; LUCENA, M.F.A.; COSTA, J.G.M. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de Caatinga na comunidade do Sítio Nazaré, município de Milagres, Ceará, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Campinas, v.17, n.1, p.133-142, 2015.
- SILVA, N.C.B.; REGIS, A.C.D.; ESQUIBEL, M.A.; SANTOS, J.E.S.; ALMEIDA, M.Z. Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra Il-Bahia, Brasil. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, Chile, v. 11, n. 5, p. 435-453, 2012.
- TEJAS, G.T.; SOUZA, R.M.S.; FRANCA, R.R.; NUNES, D.D. Estudo da variabilidade climática em Porto Velho/RO Brasil no período de 1982 a 2011. **Revista de Geografia**, v.29, n.2, p.63-82, 2014.
- TOMAZZONI, M.I.; NEGRELLE, R.R.B.; CENTA, M.L. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica. **Texto contexto - enferm**. Florianópolis, v.15, n.1, p.115-121, 2006.
- VÁSQUEZ, S.P.F.; MENDONÇA, M.S.; NODA, S. de N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas no Município de Manacapuru, Amazonas. **Acta Amazonica**, Manaus, v. 44, n. 4, p. 457–472, B2014.

Citar esse artigo: Lima CA, Campos TS, Esteves BS. Plantas medicinais utilizadas por moradores de Porto Velho, Rondônia, Brasil. *RevFIMCA* 2018;5(1):28-33.

Autor para Correspondência: Barbara dos Santos Esteves, barbbarase@gmail.com

Recebido em: 30 Janeiro 2018
Aceito em: 02 Abril 2018